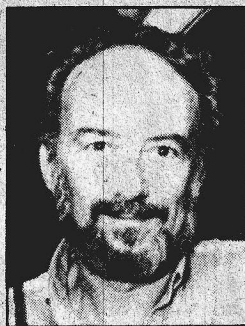


Como discutir Sílvio Santos



A Justiça decidirá se a candidatura de Sílvio Santos é ou não legal. Neste espaço, cabe examinar o conteúdo dos ataques a ela e a atuação do candidato no horário eleitoral gratuito.

Se tiver de enfrentar ataques apenas na linha dos que foram colocados até domingo no programa do TSE e no debate da Rede Bandeirantes é pouco provável que o animador perca votos nas chamadas classes D e E, onde estão seus maiores contingentes. Por vários motivos.

O senador Mário Covas, por exemplo, além de usar uma linguagem quase só acessível à classe A cultural no seu protesto contra essa candidatura, usou uma comparação. Sílvio Santos seria o corredor que entra na maratona quando só faltam 100 metros para o final, enquanto os outros corredores se esfalfam há meses. Por aí não vai pegar: não é obrigatório fazer campanha para ser candidato. E o restante da fala não chegou a colocar nenhum argumento poderoso, capaz de influenciar aquele público.

O candidato Waldir Pires mencionou o fato de o candidato só se filiar ao PMB 15 dias antes da eleição. Mas isso é permitido pela lei. E nenhum dos partidos protestou antes ou tentou impedir a aprovação da lei que autoriza isso. Nem tentou derrubar o veto presidencial que abriu as portas às filiações de última hora — até porque vários partidos sonhavam e ainda sonham com a substituição de candidatos. Além do mais, dificilmente o eleitorado de menor formação escolar estará interessado em discutir formalidades legais ou filiação partidária, já que seu nível de fidelidade partidária é quase nenhum.

O PT ficou na expressão “golpe do baú”. O candidato Collor de Mello se insurgiu contra o Presidente da República, por haver criado a brecha na legislação — sem mencionar que ele mesmo, Collor, foi beneficiado por isso. E tentou transformar a história numa briga entre ele, ex-governador de Alagoas, e Sarney.

Brizola foi ainda o mais hábil. Apontou Sílvio e Collor como duas faces de uma mes-

ma moeda, uma estratégia conservadora para manter no poder as mesmas forças que o dominariam hoje. Além de mostrar as mudanças de Collor, reprisando um “tape” de um comício de outros tempos, em que ele elogiava e abraçava Sarney.

Mas nenhum dos candidatos foi capaz de discutir a fundo, no horário eleitoral ou no debate da Rede Bandeirantes, por que a candidatura de Sílvio Santos seria inconveniente para o País e esse eleitorado. Nenhum discutiu politicamente as idéias do animador de TV. E, principalmente, nenhum deles discutiu com o público, de forma clara, o artigo de lei que impede concessionários de serviços públicos de serem candidatos nessas condições. Nenhum foi capaz de mostrar por que existe esse dispositivo. Por que ele considera incompatível com a Presidência um concessionário. E tudo numa linguagem acessível àqueles segmentos do eleitorado.

Se não for por esse caminho, os candidatos vão perder o seu latim.

Sabendo disso, em sua primeira aparição, Sílvio Santos nem tocou no assunto.

O PT NA DEFENSIVA

Os chamados casos “Lubeca” e “Favela Nova República” estão mantendo o PT na defensiva, posição da qual, a julgar pelo que vem acontecendo, não sairá tão cedo.

Os últimos programas de Lula no horário eleitoral gratuito, até domingo, conseguiram apenas colocar um dos denunciantes — Paulo Maluf — em posição delicada, com a revelação de que um dos donos dos terrenos beneficiados pelos aterros na favela é sogro da filha do candidato. Mas não retiraram da faixa crítica à prefeitura de São Paulo. A fala da prefeita Luíza Erundina ainda não explicou por que a prefeitura não interrompeu a obra do aterro se a questão está na Justiça há quatro anos e se só nesta administração fora multada quatro vezes. Se não o fizer, mesmo deixando mal o candidato do PDS, não escapará às críticas e às repercussões sobre a candidatura de Lula.

Quanto ao caso Lubeca, será

preciso esperar pelo final do rastreamento do cheque para as conclusões finais. Mas o PT já saiu chamuscado com o episódio das declarações do vice-prefeito, com sua demissão e as discussões entre a Executiva do partido e a prefeita.

De qualquer forma, vale registrar o compromisso de Lula na sexta à noite: se houver culpados na prefeitura, serão punidos. Mas se o final das histórias se arrastar até o dia 15, o candidato da Frente Brasil Popular, com a obrigatoriedade de permanecer na defensiva na TV, perderá pontos.

LEMBRETES

A longa exposição do candidato do PTB sobre o Nordeste no final de semana, naquela sua retórica já conhecida, deu a impressão de que ele concluiria prometendo criar o vale-chuva.

Pareceu desnecessária, contraproducente, um roubo juvenil mesmo, a frase de Lula “Vamos chegar ao poder contra os impérios da Globo, do SBT, de Antônio Ermírio e Mário Amato”.

A nova vinheta do programa de Fernando Collor está na mesma direção. Não chega a criar uma nova imagem e ajuda a desfazer a que restava.

A linha de radicalização ideológica pela qual enveredou também Afif Domingos leva a supor que não se confia mais, junto à equipe do candidato, na antiga estratégia. Mas nessa nova direção, o cmapo já está ocupado por Maluf e Caiado. Pode indicar, porém, os primeiros esboços de aliança para o segundo turno.

A proposta de assistência jurídica gratuita para presidiários negros, encampada pelo candidato Antônio Pedreira, cheira a racismo às avessas. Por que só para negros?

Um belo achado o número musical de Adriana Calcanhoto sobre o poema de Castro Alves, antecedendo a fala de Roberto Freire sobre os negros e o racismo.

O slogan que o dr. Ulysses usou no programa de domingo — “O Brasil precisa de um gerente” — já era usado pelo falecido governador Adhemar de Barros. Associação perigosa.